

## Em caso de Aborto prendam o Homem

### Domitilo de Andrade

(Poeta e Cordelista)

No país das perplexidades e das outras ades (inverdades, veledades, adversidades, desigualdades, improbidades, futilidades, leviandades, incapacidades, imaturidades, vaidades, comodidades, bestialidades, sexualidades, boçalidades, gravidades e, para não cansá-los, etc.), isso sem falar nas cidades que dormem inundadas de chuva e acordam inundadas de balas que não se chupam, pasmo aqui mais uma vez perplexo. Acabo de ler hoje, dia 23 de março de 2024, o resultado de pesquisa Datafolha sobre interrupção da gravidez. Vamos direto ao termo amaldiçoado pela maioria da população brasileira: ABORTO.

A pesquisa não deixa margem à dúvida: o Brasil é um país hipócrita porque a maioria dos brasileiros é hipócrita em matéria de ABORTO.

O resultado da pesquisa traz um dado que retrata que estamos caminhando rumo à Idade da Pedra, pois a Idade Média já a superamos para trás há algum tempo. A marcha a ré de nosso processo civilizatório, acelerado nos governos golpistas anteriores, continua a pleno vapor. Nenhum ser vivo que se reconheça e que se autointitule como humano pode ser a favor do ABORTO. A palavra ABORTO, entretanto, não é um ato de arrancamento puro e simples de uma perspectiva de futuro, a palavra é síntese de uma complexidade. Mesmo que a complexidade das relações humanas, no interior de sociedades humanas ainda mais complexas, não possa ser sintetizada, o ABORTO é o seu retrato sintético.

Todas as ades citadas e as demais omitidas estão presentes no retrato 3X4 de uma sociedade. No caso brasileiro, um Estado que aborta as perspectivas de futuro da maioria de seu povo combina com uma sociedade que criminaliza o ABORTO. A pesquisa é direta: *Para 52% dos brasileiros mulher que aborta deve ser presa*. A marchinha a ré do processo civilizatório é observada na pesquisa: em 2007 os brasileiros com a sanha e o desejo de vingança contra as mulheres que interrompem a gravidez era menor: 43%. O ódio aumenta, a civilização retrocede. É interessante dar uma olhada nas variáveis da pesquisa ([veja](#)), mas trago aqui uma bem curiosa: 51% dos que se consideram petistas e 59% dos bolsonaristas constituem juntinhos, de mãos dadas, a maioria dos brasileiros que despejam sua ira e porque não dizer fúria contra essas mulheres... Para quem acha que somente a direita é contra os direitos humanos, esse dado tem um quê de elucidativo. Lembro de pesquisa anterior, há pouco tempo, em que 20% das mulheres brasileiras, em idade fértil, declararam que já fizeram aborto. Não acreditei, pela forma como foi feita a pesquisa. Esse percentual deve ser bem maior. Um exemplo: se a faixa até 30/40 anos diz que não fez aborto, nada impede que vá fazer adiante. E, ainda, adolescentes, um dos grupos mais vulneráveis, não pesquisadas, prejudicam a amostra. É o grupo que mais faz abortos. Não precisa dizer quem são essas meninas e onde se situam numa sociedade excludente de classe, machista e racista. E por aí vai.

Mas, mesmo que sejam 20% das mulheres de 18 a 50 anos, representam cerca de 11 milhões de mulheres brasileiras (as que confirmam que fizeram aborto). Que tal cadeia nelas? Se estivéssemos na Inquisição bastaria jogar as que “confessam” na fogueira, mas na nossa marcha a ré civilizatória esse período já ultrapassamos para trás. Em 2014, a Câmara dos Deputados “confessou” que o aborto era uma das principais causas de morte no Brasil ([veja](#)). Dizia que 800 mil mulheres faziam aborto por ano e de lá pra cá as únicas coisas que estão sendo aprimoradas são o orçamento secreto e a vingança da população brasileira contra as mulheres que abortam. O pior da pesquisa é o medo da mulher dizer que já fez, devido ao grito social de vingança. Elas conhecem o olhar de ódio das pessoas que lhes querem presas. Por que dizer que fez? Eu, se fizesse aborto jamais diria que fiz. De todo modo não faço parte da amostra. O ABORTO, dentro de sua complexidade social, atravessada por questões ético-morais, econômicas, religiosas, familiares, relacionais, entre outras, invariavelmente é inserido num contexto dramático da subjetividade feminina. Sabemos que a gravidez adversa, indesejada, extemporânea, é majoritariamente imposta ou casual nas classes econômicas desprovidas e subalternas. Principalmente por isso, não há como avaliar as inúmeras nuances que se abatem sobre a mulher no processo de interrupção da gravidez. O que é incontestável é que mulher nenhuma faz aborto por diletantismo ou em busca de alguma nova prática esportiva ou fisiculturismo. A gravidade da decisão é envolta num manto de sofrimento e, no mais das vezes, solitária em virtude da carência de inter-solidariedades diversas. E se a mulher pobre, miserável, depois de um verdadeiro périplo sangrento, às vezes literalmente, for acolhida e cuidada por algum “cúmplice”, como é o caso do Sistema Único de Saúde, ao sair de seu calvário for recolhida ao sistema prisional assistiremos passivamente à galera aplaudindo essa humilhação desumana? Se assim for, que tal o apedrejamento até a morte de mulheres infiéis? Alguém aí acha que alguma madame, mulher de algum figurão, vai em cana depois de sair da clínica ilegal de abortos da elite brasileira? Já que estamos retrocedendo tanto, reporto-me a uma crônica do Arnaldo Jabor que li há muitos anos atrás. Ele dizia que nós, os homens, somos todos assassinos ao batermos punheta (a tal da masturbação). Despejamos milhões de espermatozoides sem dó nem piedade em algum ermo. Assassinaamos perspectivas de futuro aos milhões todos os dias. Em assim sendo, em caso de aborto prendam-nos. Por favor, em caso de aborto de qualquer mulher prendam os homens e, se possível, condenem-nos à pena de morte. Mas, por favor, rogo principalmente àqueles que acreditam em Deus .... deixem as mulheres em paz para cuidar de nossos filhos desejados vivos.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*